

DF, Brasília Superquadras ou condomínios fechados?

CARLOS PONTES

A proposta de cercar as superquadras de Brasília e outras áreas residenciais com telas de arame deve estar incomodando a alma de Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro e tantos outros pioneiros que, como nós, participaram da epopéia da construção desta capital.

Idealizada pelo mestre Lúcio Costa para ser uma cidade a um tempo "bucólica e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual", oferecendo condições de tranquilidade para a elite dirigente do País, aí incluídos os legisladores e os membros das nossas cortes superiores de Justiça, Brasília não pode oferecer esta "tranquilidade" somente a um grupo de moradores, em prejuízo da grande maioria, que se veria privada de sua liberdade de ir e vir e do convívio com as nossas áreas verdes, com os amplos e abertos espaços que lhe dão sua maior característica, ao ponto de Yuri Gagarin comparar Brasília com uma cidade da Lua.

Não tem nada a ver querer transportar a experiência da Octogonal para a Asa Sul e Asa Norte e para os setores de habitação individual ou coletiva Sul e Norte. Quando foi criada a Área Octogonal, no local só havia mato, e o GDF não tinha recursos para a urbanização. A solução encontrada na época, já que a maioria das quadras foi construída por cooperativas habitacionais, foi a privatização da área pública, arcando a cooperativa, como no caso da AOS 2, a primeira quadra a ser construída, com os

custos de toda a infra-estrutura e urbanização. Foi uma solução inteligente, válida nas circunstâncias, pois resolvia o problema de segurança dos moradores, até então isolados no meio do mato, além de desonerar o Poder Público dos ônus com a urbanização da área.

No caso do Plano Piloto, querer privatizar a área pública, construída com o dinheiro de todos os contribuintes, no mínimo seria um roubo. Do contrário, teriam os moradores que indenizar ao Estado todos os custos com o desmatamento, asfaltamento, áreas verdes, iluminação e outros.

Como se não bastassem esses argumentos, devem os moradores das superquadras, antes de embarcar na canoa furada desse **marketing** de segurança, pensar que não é separando a sociedade em dois grupos, nós, os "castas", e eles, os "párias", que se resolve o problema de segurança. Não queremos reforçar a imagem de "ilha de fantasia", nos isolar, e aos nossos filhos, em "guetos" privilegiados, num verdadeiro regime de **apartheid**.

Está provado que o isolamento não resolve o problema da segurança. Essa é a solução mais simplista, que conduz aos sequestros, a gastos cada vez maiores com pessoal e equipamentos de segurança e a uma vida infeliz de neuroses e encurralamento junto a locais e a pessoas "seguras".

Não adianta fugir ao cerco da miséria. Os bolsões de pobreza cercam as nossas metrópoles, como uma pedra em nosso sapato. São mais de 50 milhões de brasileiros que vivem abaixo

da pobreza, ganhando até meio salário mínimo por mês. O índice de mortalidade infantil brasileiro está, em alguns casos, abaixo dos padrões africanos. Metade da nossa população de 15 anos nem sequer completa o curso primário e apenas 33 por cento dos habitantes deste País se alimentam adequadamente todo dia.

O mestre Hélio Jaguaribe é quem nos mostra os números dos indicadores educacionais, sanitários e sociais e que estão nos impedindo de caminhar para o Primeiro Mundo. Precisamos de nove milhões de casas para cobrir o déficit habitacional brasileiro. E não é com a construção de conjuntos habitacionais que iremos solucionar o problema. Só com empregos, com elevação da renda **per capita**, é que esses e muitos problemas serão resolvidos.

Investir na industrialização de Brasília, com indústrias não poluentes que assegurem pleno emprego; estimular a produção de alimentos; aumentar a renda da população, estas, sim, são propostas concretas que geram o bem-estar social. Não vamos nos cercar, nos enjaular, como feras. Não adianta também somente construir mais presídios, como os nossos, verdadeiros depósitos de lixo humano. Vamos produzir alimentos e oferecer saúde, educação, lazer, segurança para todos. Do contrário ocorrerá o que Ghandi previu: "A terra produz o bastante para a necessidade de todos, mas não suportará a voracidade de alguns".

■ Carlos Pontes é jornalista e publicitário